

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (DFCH)
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

RICARDO EVANDRO SOUZA RIBEIRO

PESSOAS.ZIP, COMPACTADOS

Vitória da Conquista – BA
2016

RICARDO EVANDRO SOUZA RIBEIRO

PESSOAS.ZIP, COMPACTADOS

Memorial Descritivo apresentado ao Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Professor Glauber Brito Matos Lacerda.

Vitória da Conquista – BA
2016

RICARDO EVANDRO SOUZA RIBEIRO

PESSOAS.ZIP, COMPACTADOS

Memorial Descritivo apresentado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovado em: 22/09/2016.

BANCA EXAMINADORA

Glauber Brito Matos Lacerda
Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB
Professor Assistente da UESB
(Orientador)

Eder Amaral e Silva
Doutor em Psicologia Social pela UERJ
Professor Assistente da UESB

José Carlos da Silva Simplício
Especialista em Filosofia Contemporânea pela PUC-MG
Professor Auxiliar da UESB

A todos aqueles que acreditaram
Em nossa capacidade de realização

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado o dom da vida.

Aos professores, por sempre me auxiliarem.

Ao meu pai Edmilson e à minha mãe Maria.

Aos meus familiares, meus colegas da Universidade e do trabalho.

Ao meu professor, mestre Glauber, que nunca desistiu de me orientar.

Ao meu professor Eder, que mesmo sem me conhecer direito, se dispôs a me ajudar.

À amiga querida, Andréia, que me ajudou desde o início do curso.

Ao meu amigo Gesiel, que com toda sua calma me explicou os macetes para filmar.

À minha amiga e madrinha Márcia, que fica sempre feliz com o meu progresso.

À minha amiga e colega de trabalho Vitória com toda a sua psicologia.

À minha filha Laura que me ensinou a ter paciência.

E à minha esposa Vanêide, que sempre me inspirou, motivou, ajudou e apoiou.

RESUMO

O transporte coletivo urbano é parte significativa da vida dos indivíduos e é uma das dinâmicas urbanas contemporâneas que mais cresce em complexidade, fenômeno incontornável à tendência de crescimento populacional e espacial das cidades. “Pessoas.zip, compactados” baseou-se no documentário observativo, mostrou as relações interpessoais que acontecem no interior dos ônibus coletivos, desde a entrada do passageiro até a chegada ao seu destino. Diante desses pressupostos, fiz uma reflexão sobre a importância das relações interpessoais que aconteceram dentro de um ônibus usando como fundo a problemática do transporte coletivo na cidade de Vitória da Conquista no Estado da Bahia.

Palavras-chave: *Pessoa, ônibus, audiovisual, relações interpessoais, documentário.*

ABSTRACT

The urban transportation is a significant part of people's lives and is one of the contemporary urban dynamics fastest growing in complexity, unavoidable phenomenon the tendency of population and spatial growth of cities. "People.zip, compressed" was based on observational documentary showed the interpersonal relationships that take place within the collective bus from the passenger entrance to the arrival at your destination. Given these assumptions, I made a reflection on the importance of interpersonal relations that occurred inside a bus using as background the problem of public transport in the city of Vitoria da Conquista in Bahia.

Keywords: *Person, bus, audio-visual, interpersonal relations, documentary.*

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Marcador	28
Foto 2 - Imagem do documentário.....	29
Foto 3 – Pessoas idosas em pé.....	30
Foto 4 – Posicionamento dos entrevistados	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2A INICIAR O SISTEMA, POR FAVOR AGUARDE.....	12
3 PESSOAS.ZIP, COMPACTADOS	14
4 DESCOMPACTANDO	18
4.1 SENTINDO DOCUMENTÁRIO, AINDA DESCOMPACTANDO.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS.....	40
ANEXO A – ROTEIRO.....	40
ANEXO B – SOLICITAÇÃO DE IMAGENS.....	48
ANEXO C – RESPOSTA DA SOLICITAÇÃO DE IMAGENS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Direta ou indiretamente, a sociedade é integralmente favorecida pelos serviços de transporte público, tendo em mente que estes meios de deslocamento se fazem necessários e essenciais para o desenvolvimento da economia e avanço de um país. A maioria dos trabalhadores não teriam condições de se deslocarem sem o acesso aos meios de transporte públicos e coletivos. E mesmo havendo a possibilidade de se optar pelo transporte individual, os obstáculos estruturais impossibilitariam a locomoção, causando um forte resultado negativo em toda a comunidade.

Os benefícios gerados pelo transporte público coletivo englobam desde melhorias ao meio ambiente até a maior mobilidade nos espaços públicos, se revelando um benefício geral que deveria ser utilizado por todos como forma de contribuição social.

A consolidação de sistemas de transportes inclusivos, de qualidade e sustentáveis do ponto de vista econômico e ambiental, passa necessariamente pelo planejamento urbano e regional integrado, pela priorização do transporte coletivo, do pedestre e dos modos não motorizados; pela restrição ao uso do automóvel e pela participação e conscientização da sociedade. A prioridade para o transporte público e os modos não motorizados devem ser encarados como elementos fundamentais da inclusão social, preservação ambiental, desenvolvimento econômico e geração de emprego e renda (SECRETARIA NACIONAL DE TRANSPORTE E DA MOBILIDADE URBANA, 2007, p. 65).

Analisando tais prerrogativas e o princípio de que o interesse público deve prevalecer acima dos interesses particulares, é certo afirmar que o transporte público deve ser priorizado e dessa forma deve ser tratado pela administração pública. Mas nem tudo são flores quando se trata de transporte coletivo.

Entre os problemas enfrentados pelos passageiros do transporte público coletivo, procurei pontuar as dificuldades que observei durante o meu trajeto ao longo dos anos. O mal ordenamento dos pontos de ônibus, o longo período que o usuário do transporte público espera entre um coletivo e outro, os longos trajetos realizados pelos coletivos, as linhas existentes, seus roteiros ampliados e a lotação que é de longe o maior motivo de queixas dos passageiros do transporte público coletivo.

A ideia de produzir um documentário e não uma ficção surgiu a partir da observação feita em relação ao transporte coletivo, seus problemas, suas qualidades e sua dinâmica que envolvem as pessoas e suas relações nesse lugar. Percebi claramente o surgimento constante de novos modelos de relações em conversas com pessoas usuárias do serviço. Desse jeito, o que aconteceu pode ser narrado e, mesmo que já tenha sido dito algo sobre esse assunto, sempre surgirão dados novos, reportando ações e permitindo analisar fatos. Provavelmente a ficção não me daria essa possibilidade.

Conhecendo todos os anseios, dificuldades e conquistas, por ter tido vários anos de convivência a bordo de ônibus, em especial de transporte coletivo urbano, encontrei nessa experiência a oportunidade de construir uma narrativa abordando minha compreensão sobre o assunto.

Tendo em mente que eu já tinha uma pesquisa sobre o assunto discutido, quando realizei o projeto de pesquisa, parti para o processo de construção e planejamento da maneira como este seria debatido, abordado e transmitido ao público. Para melhor compreensão o memorial foi dividido em três capítulos que são: “A iniciar o sistema, por favor aguarde”, que trata do transporte público coletivo onde aponte suas características, o que ele proporciona e suas possibilidades; “Pessoas.zip, compactados” que trata das relações interpessoais que acontecem do ponto de ônibus até a chegada das pessoas ao destino final; “Descompactando” que trata da pesquisa para o documentário e o que é o documentário em si, suas vertentes e as possibilidades.

2 A INICIAR O SISTEMA, POR FAVOR AGUARDE...

De acordo com Rodrigo César Neiva Borges, transporte coletivo é todo o meio de transporte que é regulado pelo poder público e que atende a todas as pessoas, sem qualquer distinção ou outras formas de discriminação. É obrigação do Estado prestar esse serviço e mesmo quando não o opera diretamente, utiliza a prestação de serviços de empresas privadas.

Quanto ao significado de transporte coletivo urbano, embora não tenhamos encontrado uma definição legal específica para o termo, sua definição operacional abrange **o transporte público não individual, realizado em áreas urbanas, com características de deslocamento diário dos cidadãos** (BORGES, 2006, p. 3. Grifo do autor).

De acordo com Pesquisa CNI-IBOPE de 2011, o ônibus hoje é o meio de locomoção mais usado pela população das grandes cidades brasileiras. Ao meu ver, é também um local único, com novas linguagens, imagens e discursos. As pessoas se colocam uma ao lado das outras, sentadas e/ou em pé, muitas vezes sem dizer uma palavra, ficam só num contato visual parecendo esperar que o outro diga alguma coisa. O transporte coletivo urbano é parte significativa da vida das pessoas, é uma das dinâmicas urbanas contemporâneas que mais cresce em complexidade, não podendo ser negligenciada devido à tendência de crescimento populacional e espacial das cidades. Segundo o site *Guiadedireitos*:

É importante inserir o acesso ao transporte em uma lógica de direito básico: ele não é uma mercadoria, em seu serviço deve haver normas que respeitem a população, seu preço não pode variar de acordo com os interesses de um seletivo grupo de empresas, sejam estas estatais ou privadas, e, principalmente, ele não é um favor prestado à população e sim um direito que deve ser cotidianamente cobrado pela sociedade e aperfeiçoado pelo Estado (TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO, [s/d], p. 1).¹

Todo transporte coletivo, potencializa as relações interpessoais. Segundo Carvalho (2009, p. 72): “Os seres humanos são essencialmente seres sociais, instintivamente motivados por uma necessidade de se relacionar. É nessa interação que descobrem suas próprias capacidades e as exercitam”.

¹ Disponível em: <http://www.guiadedireitos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=-1248>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Porque não me interessava somente mencionar tais características, interessava ouvir opiniões, quais são e a que elas remetem. Quando a regra é falar, é preciso ouvir.

Foi necessário entender estes indivíduos a quem eu chamo de trabalhadores/passageiros/pessoas/usuários de ônibus. Não somente no sentido antropológico e sociológico - estes significados também interessam -, mas foi necessário entender qual a relação dos trabalhadores/passageiros/pessoas/usuários de ônibus com a dinâmica desse vai e vem e sua influência na vida de cada um.

Não quis ser apenas o pesquisador, mas principalmente aquele que quer entender o cotidiano do homem comum, entender aquele que guarda na simplicidade de suas ações, crenças e falas que são verdadeiras riquezas.

Para Marques (2016, p. 1) "O relacionamento interpessoal é a conexão feita por duas ou mais pessoas de um mesmo círculo. Ele tem muito a ver com a maneira que tratamos e nos relacionamos com os outros e a qualidade dessas relações."

O ser humano é propenso à relação com o outro. Na conversação com o outro, igualmente percebo a mim mesmo, ser realmente "eu". Qualquer um de nós é um "eu" e minhas condições, um "eu" e minhas relações.

"Uma expressão facial involuntária, um olhar furtivo, um enrubescimento, um tremor, o modo de andar, em suma, qualquer evento fisiognômico pode ser interpretado como um signo da cogitação de um homem" (SHUTZ, 2012, p. 219).

Para Schutz (2012), há um deslocamento desse tempo compartilhado, ou seja, da mesma forma que eu experimento a consciência do outro no presente vivido, o outro experimenta a minha consciência. No entanto, varia a forma como experimentamos os outros em nossa vida. Na relação "face-a-face", escolhida como primordial por Schutz, o outro nos torna mais acessível a novas experiências, "caminhamos juntos, envelhecemos juntos".

Fomos feitos para a relação interpessoal, para o encontro com o outro, com todos os riscos que isso pressupõe. Qualquer relação está sujeita ao sucesso, ao fracasso ou ao desencontro.

3 PESSOAS.ZIP, COMPACTADOS

Você já se sentiu compactado? Já se sentiu dentro de uma lata de sardinha? Você não se importa quando algum desconhecido senta ao seu lado em um ônibus ou você se sente desconfortável com essa situação? Se o seu caso for a segunda opção, você não está sozinho.

Diariamente, pessoas evitam ficar ao lado de outras desconhecidas e criam várias táticas para evitar que um desconhecido fique ao seu lado no ônibus. A dificuldade de socialização de algumas pessoas fica evidente ou se agrava dentro do ônibus. Colocar sacolas no banco vazio ao lado para que ninguém possa sentar, evitar conversas longas, fingir dormir durante o percurso são algumas práticas comuns. Essas pessoas terão que constituir uma relação de negociação para ver quem será o primeiro a ocupar aquele ambiente, pois segundo Arquimedes, matemático, o qual viveu no século III a.C., dois corpos não podem ocupar simultaneamente o mesmo lugar no espaço. Mas afinal de contas, o que é compactar?

De acordo com o professor Roque Mendes Prado Trindade, em entrevista para este documentário, basicamente a compactação de arquivos é utilizada para aumentar a capacidade de armazenamento dos meios magnéticos e diminuir o volume de tráfego em uma rede. Isso é conseguido aplicando-se uma série de algoritmos (procedimentos) computacionais, que são capazes de armazenar, no mesmo espaço, mais dados que o normal.

Vamos supor que seu HD tenha pouco espaço livre e que você saiu compactando tudo quanto é arquivo que via pela frente. De repente, você precisa descompactar um arquivo que possui 5 MB, mas o seu HD só tem 2 MB livre. Nesse caso, você teria que apagar alguns arquivos que não fosse mais usar ou copiar o arquivo compactado para outro computador (UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, 2014, p.1)

Existem diversos algoritmos para compactar arquivos. Dependendo do tipo de arquivo e/ou seu conteúdo aplica-se um ou mais destes para conseguir a compactação dos arquivos. Mas basicamente, posso dizer que é remover informações que não são relevantes, como por exemplo o que ocorre em um arquivo de música (.mp3), que é eliminar sinais que estão fora do alcance de nossos ouvidos

ou agrupar informações iguais em um espaço menor, como por exemplo arquivo "zipados" (.zip).

No caso, o interior dos ônibus são os espaços vazios que serão eliminados para dar lugar a mais pessoas.

Na contramão das pessoas esquivas ao contato, há também aqueles que usam do ônibus coletivo como um espaço de convivência.

Onde houver mais de uma pessoa, num processo de troca de experiências com certeza teremos um relacionamento humano, não sendo surpresa para ninguém que as pessoas diferem umas das outras, não havendo dois seres iguais no mundo, pois sabemos que cada ser humano possui características individuais e necessidades diferenciadas. As pessoas sofrem influências dos laços familiares, das suas ideias políticas, da cultura, da história, das tecnologias, etc.

As relações interpessoais podem existir por vários motivos, e o que importa neste momento é sermos capazes de avaliar qual o propósito pelo qual estamos buscando estabelecer um contato com outra pessoa. Isto é necessário porque irá impedir que o relacionamento humano que se estabelece naquele momento, naquele lugar não seja generalizado na sua interpretação. A sustentação para um bom relacionamento é ter o discernimento dos nossos deveres e obrigações, e dos limites e regras que fazem a relação social seja harmônica.

Como o ser humano possui contato com outras pessoas, naturalmente há a formação de grupos, grupos estes que influenciam e são influenciados pelos demais participantes.

Um grupo social será formado sempre que se tenha um objetivo comum entre os indivíduos, caso contrário, quando não houver um objetivo comum, dizemos que não temos um grupo social, mas sim um agrupamento de pessoas.

De forma mais clara, o que aproxima as pessoas são características individuais, que despertam sentimentos, vontades e interesses de cada um, em um dado momento variável no tempo, como por exemplo pessoas à espera do coletivo no ponto, pessoas dentro do ônibus, caracterizando uma mini sociedade.

As pessoas, usuárias do transporte coletivo, interagem entre si desde à espera nos pontos de parada do ônibus até o seu destino. Gera-se um espaço muito singular de comunicação. São desconhecidos, completamente estranhos uns aos outros, que se deslocam às vezes, por um longo período, lado a lado. Esses

indivíduos, em um destino comum, juntos nesse lugar vão se ver, vão despertar para as presenças ao seu redor, vão se comunicar de alguma forma (CAIAFA, 2006).

Em *Jornadas Urbanas* (CAIAFA, 2002 apud CAIAFA 2009, p. 18) assinala que a percepção do espaço urbano é densa e complexa na medida em que todos os sentidos parecem mobilizados. Ao entramos nesse espaço, pisamos, sentimos de alguma forma esse lugar que habitamos e a presença de nosso corpo ali. Há uma força experiencial nessa ocupação que pode evocar outras experiências e criar e modificar afetos. Os processos materiais se constituem em alguma medida em componentes subjetivos e desenvolvem um tipo de comunicação (CAIAFA, 2009, p. 18).

No artigo *Espaço, Comunicação e Consumo no Metrô do Rio de Janeiro*, Caiafa (2009, p. 18) demonstra que:

Há toda uma série de ações que o meio nos demanda - inclusive no espaço itinerante das composições em que o passageiro embarca para viajar e que prolonga o das plataformas. [...] trata-se de um meio exigente, marcado por regulações – que estipulam onde devemos nos posicionar, por exemplo, por onde podemos ou não prosseguir.

A dinâmica do convívio entre as pessoas usuárias do transporte coletivo urbano, no qual o comportamento dos sujeitos parece ser intensificado por fatores externos a si, como trânsito, a classe social, o tempo gasto, no ônibus ou a aglomeração dos indivíduos, traz à tona a tentativa de entender o indivíduo como membro de uma “micro sociedade” que tem seus próprios padrões de comportamento social. Adotei no documentário a noção de sujeito definida por Guattari e Rolnik (1986) que é resultado de todas as instâncias de uma sociedade através do agenciamento do que é socialmente construído. Da mesma maneira, a sociedade é formada por processos históricos e culturais que envolvem os próprios sujeitos e os têm como causa e efeito do procedimento de formação de uma sociedade. Esse sujeito, é ainda, formado pelas interações sociais que o cercam.

Buscaremos explicações para o problema causado por uma sociedade que privilegia a naturalização da individualidade, contrariando aos interesses coletivos. Entende-se naturalização por transformar o que é da sociedade para algo resultante da natureza e que independe da vontade humana, utilizando a natureza para explicar processos sociais e, com isso, contribuindo para o conformismo e fixação de um padrão egoísta. Sendo assim, a naturalização das ações cotidianas por parte

dos indivíduos é um processo que contribui para sua não resistência e, conseqüentemente, individualismo.

4 DESCOMPACTANDO

A pesquisa de campo teve um papel fundamental neste documentário.

Para Demo (1992), o pesquisador, em sua tarefa de descobrir e criar, necessita, adotar uma postura questionadora, que o levará a produzir conhecimento de fato.

Portanto o trabalho de campo deve estar ligado com a vontade e ter uma identificação com o assunto, permitindo uma melhor realização da pesquisa.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 2002, p. 17).

Para muitos, a pesquisa de campo, está mesmo ligada à produção de material bibliográfico, mas ela é crucial para qualquer tipo de pesquisa que se dedique a investigar um aspecto da realidade social.

Segundo Minayo (2002), o campo de pesquisa é a configuração que o pesquisador faz em termos de espaço, representado como uma realidade empírica a ser estudada a partir das ideias teóricas, conforme a finalidade da pesquisa.

Para Demo (1992), a entrada no Campo é um processo que viabiliza uma aproximação direta do pesquisador com seu objeto de estudo, dando esclarecimento do que se trata a sua pesquisa. Quero dizer: você precisa obter a confiança do indivíduo ou do grupo estudado, para que haja uma interação cooperativa.

Entre as implicações dessas características para a pesquisa (qualitativa) podemos destacar o fato de se considerar o pesquisador como o principal instrumento de investigação e a necessidade de contato direto e prolongado com o campo, para poder captar os significados dos comportamentos observados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 132).

Outro aspecto que devemos ressaltar é a atitude que se deve ter como pesquisador. Para obtermos um bom trabalho de campo há a necessidade de se ter uma boa programação, organização e definição da temática sobre a pesquisa, verificar também o tempo disponível do entrevistado, criando um compromisso. Observar é sempre bom em uma pesquisa em campo, assim podemos aliar a técnica de observação com as respostas obtidas na entrevista.

O conhecimento é uma capacidade disponível em nós, seres humanos, para que processemos de forma mais adequada a nossa vida, com menos riscos e menos perigos. O conhecimento tem o poder de transformar a opacidade da realidade em caminhos “iluminados”, de tal forma que nos permite agir com certeza, segurança e previsão (LUCKESI, 1985, p. 51).

Minayo (2002) diz que o trabalho de campo é feito a partir de entrevistas e da observação. Na entrevista, o investigador procura dados explícitos na fala dos entrevistados.

A preparação da entrevista segundo Lakatos e Marconi (1996) é uma das etapas mais importantes da pesquisa. A entrevista pode ser: estruturada, não estruturada, semi-estruturada e pode ser realizada em discussão de grupo e história de vida. Na entrevista estruturada, apresentamos uma relação padronizada e fixa de perguntas que permite o tratamento quantitativo de dados. Na entrevista não estruturada objetiva uma visão geral, quase uma conversa informal. Em “Pessoas.zip, compactados” usei as três formas, principalmente a forma não estrutura que creio eu, gera mais possibilidades para a montagem do documentário.

A pesquisa de campo propõe várias conexões determinadas pelo investigador. Entre elas podemos citar a relação entre a fundamentação teórica do objeto a ser pesquisado e o campo a ser explorado. Esse ambiente de investigação se manifesta a partir de domínios técnicos e através de princípios teóricos. O trabalho de campo recolhe dados nos quais se classificam como pesquisa de conhecimento prático.

A pesquisa não se restringe à utilização de instrumentos de coletas de informações, mas também a permanente reformulação dos caminhos da pesquisa. Os pesquisadores tornam-se agentes de mediação entre a análise e a produção de informação. Tudo ao nosso redor é conhecimento prático, e a produção de informação diminui o desencontro entre a teoria e o material coletado da pesquisa.

Minayo (1992) aponta que o convívio entre o investigador e os atores sociais significa que o investigador procura a interação entre si e o os pesquisados, busca ser aceito no âmbito social no qual se encontra o investigado, e é aí que se situam as entrevistas. O pesquisador propõe articulações a serem observadas e ações de pesquisa, o delineamento de algumas estratégias nas quais os atores sociais que participam da investigação são visados, um sistema de anotações simultâneas da comunicação, de recursos documentais como os registros visuais usando a filmagem e as fotografias, ampliando o conhecimento do estudo. No registro de

dados destaca-se o diário de campo, pois é a partir dele que são preservados os momentos da rotina de trabalho de determinada pesquisa.

A pesquisa de campo conduz a produção do conhecimento. Dessa forma, o sentido do que é novo é o confronto com o que nos é diferente.

4.1 SENTINDO O DOCUMENTÁRIO, AINDA DESCOMPACTANDO

Reúna breves pedaços da realidade como vozes, ações, paisagens, imagens, fala-se transforme-os adequadamente em uma história e você vai ver o público assistir e admirar.

John Grierson, o pai do gênero cinematográfico documentário, definiu documentário como um tratamento criativo da realidade². Quis dizer que, se fossemos usar nossa inventividade para modificar e organizar trechos do que é real, gravado em uma narrativa, então produziríamos um documentário. Contudo, isso envolveria qualquer registro feito como por exemplo minhas viagens, festinha de aniversário de um filho, o casamento de meu irmão, etc. Temos que manter certas medidas e estilos específicos para distinguir o documentário destes registros citados acima. Segundo Penafria (1999, p.4):

O seu olhar [do documentário] não se reduz ao que é óbvio, antes leva-nos a olhares diferentes sobre o mundo e permite-nos olhar o mundo de modo diferente. Por esta razão há um apelo ao debate de idéias, à reflexão e ao envolvimento crítico confrontados que somos com experiências diversas, sejam elas sociais ou pessoais.

Temos a imagem como elemento fundamental, indispensável da linguagem cinematográfica, que segundo Martin (2003), é o registro que a câmera faz da realidade e constitui uma percepção objetiva que faz do documentário filmado um princípio incontornável, mesmo que aja a chance de manipulação das imagens.

O documentário é um gênero cinematográfico com narrativas surgidas nos anos 1930 que busca e tem como propósito, estabelecer uma representação do mundo.

Para Nogueira (2010, p. 20-24):

² RABIGER, M. **Direção de documentário**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

Um registro objetivo e analítico, ainda que, frequentemente, crítico, procurando efeitos de realismo, de reflexão e de problematização acerca da sociedade e das suas normas e valores, bem como acerca do lugar do indivíduo, das suas errâncias ou das suas tensões. Esta propensão para o realismo não impede, contudo, que as emoções e as suas representações sejam, circunstancialmente, sujeitas a um processo de nítida estilização.

Bill Nichols (2005) defende que cada documentário tem sua maneira de ser, quero dizer, um jeito particular de relatar os fatos do mundo. Para ele resumidamente, há seis estilos principais de documentários: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. De um jeito mais simplificado, essas configurações significativas do cinema documentário atuam como subgêneros do gênero documentário como o conhecemos.

O modo representação de um documentário é a maneira como sua narrativa é contada. Podemos controlar, planejar, improvisar e deixa-lo imprevisível, perspicaz e ou repleto de farsas. Podemos usar e abusar de comentários ou não usar falas, indagar ou provocar quem é entrevistado, estimulando viradas na narrativa. Para Souza (2009, p. 12):

o documentário, mesmo com seu alcance ainda em expansão, tem se apresentado como um espaço privilegiado onde o debate sobre os diversos matizes que constituem a sociedade brasileira acontece dissociado das regras da imprensa. Uma série de fatores possibilita essa inferência. Inicialmente, o caráter marginal do documentário, reflexo do vínculo rarefeito com o mercado, deixa o documentarista livre para novas possibilidades temáticas e estéticas. O tratamento dispensado ao tema toma como baliza o aspecto autoral do cineasta, indispensável para qualquer documentário, que empresta ao filme uma singularidade própria. [...]. Além disso, o tempo de preparação de um documentário (em alguns casos os personagens são acompanhados por anos) permite a elaboração de novas narrativas. Esse aspecto faz o documentário divergir de uma reportagem, mais preocupada em relatar os acontecimentos no calor da hora, fazendo com que o documentarista estabeleça um vínculo mais estreito com os personagens, ao contrário da matéria jornalística, mais interessada na construção de um tipo ou de alguém que vai citar ou confirmar o que se espera.

Na construção do *Pessoas.zip*, compactados, alternei entrevistas de especialistas com imagens e sons captados na minha observação em campo. Neste sentido, utilizei o modo de representação expositivo que, segundo Nichols (2005), agrupa fragmentos do mundo histórico em uma perspectiva retórica e argumentativa. Dirige-se diretamente a quem assiste, através de legendas e de narração. Esses documentários trazem consigo a voz *over* onde o orador é ouvido, porém jamais visto, sugerindo objetividade e autoridade do narrador, ou seja,

[...] O cineasta despe o manto do comentário em voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos) (NICHOLS, 2005, p.154).

Os documentários expositivos dependem de uma oralidade e de uma lógica informativa. As imagens desempenham um papel secundário, apenas servem para ilustrar, comprovar ou demonstrar o que é dito. Um marco para este tipo de documentário é a escola originária do pensamento de John Grierson, na década 1930.

[...]. Pela primeira vez, o objeto de filmagem era submetido a uma interpretação, ou seja, uma desmontagem analítica daquilo que foi registrado, seguido de uma montagem cuja lógica central escapava à observação instantânea e só poderia decorrer de um conjunto de detalhes habilmente sintetizados e articulados (DARIN, 2004, p. 47).

Grierson foi o primeiro a fazer uso da palavra 'documentário'. Ele se interessava pelos problemas sociais do seu tempo, como por exemplo a pobreza, desemprego, suicídios, e pensou numa proposta de cinema que realçasse os valores civilizatórios e a expansão do mercado dos produtos britânicos.

Venancio (2008, p. 60) diz que:

O relato de vida é, então, um olhar para trás, uma visão retrospectiva da história do narrador, uma construção sempre plena de lacunas, mas, ao mesmo tempo, uma maneira própria de perceber os fatos vividos, de os escolher, os organizar, dando forma e movimento, fazendo-os reviver e revelando a identidade de quem conta.

Como tínhamos também entrevistas com usuários do transporte público, o documentário igualmente será marcado pelo modo participativo.

Os cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca e os cineastas que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo constituem dois componentes do modo participativo. Como espectadores, temos a sensação de que testemunhamos uma forma de diálogo entre cineasta e participante que enfatiza o engajamento localizado, a interação negociada e o encontro carregado de emoção. [...] (NICHOLS, 2005, p.162).

O modelo participativo antecipa a intervenção do cineasta em cena, dando a entender como é ficar em determinada posição, evidencia que a câmera intervém na existência dos acontecimentos. Por vezes, podemos ver e ouvir o cineasta em ação. A voz de Deus, como também se chama voz *over*, é deixada de lado para dar lugar a interação com pessoas, especialistas e usuários de transporte público, no momento e local dos acontecimentos. Restringindo assim, a relevância do convencimento de quem assiste para criar o dito “cinema-verdade”, uma corrente originária do cinema etnográfico francês marcada pela intervenção e participação do documentarista.

No que diz respeito ao documentário, nada obriga que os elementos que o compõem sigam uma ordem determinada. Eles são combinados segundo os objetivos do documentarista, constituindo-se num espaço onde é possível criar, recriar, construir e reconstruir (SANTOS; AYRES, 2008, p. 3).

Ao mesmo tempo, lancei mão do modo observativo que, para Nichols (2005), propõe um posicionamento de observador por parte do documentarista. Apenas observei os outros, que envolvidos em seus afazeres, ignoram a filmadora e o documentarista. Essa observação é como olhar a vida no exato instante em que ela é vivida, quando ela acontece. É de suma importância dar destaque à questão da curiosidade indireta de quem dirige o documentário, o que me sujeitou a necessidade do consentimento de quem é observado ou daquele grupo, assim, entendido por todos e permitido para se explicar as possíveis repercussões das observações e representações feitas por mim para os outros que vão assistir. Minha intenção foi observar e coletar informações sobre o comportamento dos indivíduos neste lugar, desde o ponto de ônibus para ir ao trabalho, estudar, ou a passeio, até a chegada ao destino. Fiz isso aos moldes do “Cinema Direto Americano”, mas com imagens capturadas por celulares, por câmeras discretas com microfones conectados diretamente à câmera de vídeo e celulares posicionados ora no fundo ora na frente do coletivo, reunindo estes movimentos. E também por se enquadrarem na proposta, usei imagens do Portal *Youtube* para enfatizar, para dar maior veracidade às falas dos entrevistados. Como não obtive autorização para usar esse material, tenho ciência de que não poderei usar esse documentário em exposições públicas, até que esta situação se resolva. Usei os ruídos, o som ambiente e ou os barulhos, que podem ser vários, tais como de gente falando, de carro, de

ônibus, de porta de ônibus fechando, de gritos de anunciantes e ambulantes, o barulho do vento, etc. Estes sons têm o objetivo de chamar a atenção para alguma ação específica de alguma parte do documentário, além dos diálogos das pessoas entrevistadas.

Uma particularidade do filme documentário, quanto ao roteiro, é o fato de que muitos documentários são definidos em sua etapa de pós-produção e esse não será diferente. Recai mais sobre os filmes que se apegam ao estilo do documentário direto. Na etapa, de pós-produção do filme, foi necessária a feitura de um roteiro que me orientou na montagem, um roteiro de edição, que foi inserido nos anexos desse memorial.

O roteiro do documentário foi o resultado de um trabalho de separação, decupagem do material bruto da filmagem e teve sua função voltada unicamente à orientação da montagem.

A teoria de montagem de Eisentein insistia na necessidade do cinema em justapor imagens, ou planos, de maneiras que provocassem o espectador a fazer novas descobertas. Fragmentos do que é, do que poderia ser, colocados diante da câmera, combinados numa visão do novo, do que o cineasta, como membros de uma nova sociedade, poderia moldar no momento (NICHOLS, 2005, p.182).

4.2 Gerenciando os recursos do sistema, descompactado

Se observarmos, é comum nos processos de edição e montagem de um documentário o uso de imagens de referência (*inserts*) para dar suporte à narração, com a função de explicar, provar ou reafirmar afala presente na sonora. Os *inserts* também são imagens usadas no decorrer documentário, ao longo da edição final, para evitar saltos nos cortes no qual ocorre a transição de imagem de uma fonte geradora para outra.

Segundo Kawin (1992), a edição é a arte de tomar decisões sobre o tamanho do plano, seleção e sequenciamento. Corte é o procedimento de unir pedaços de filme. Decidir o quanto incluir de um plano em um filme, sugerir e manipular sua matriz interpretativa, cortando entre dois planos. É o trabalho do editor do filme. Na ilha de edição não linear, que tem como base principal a gravação digital e o acesso imediato a cada ponto desejado, o editor e montador de imagens e textos une o *off* às imagens capturadas pelo cinegrafista. Também conforme orientação prévia,

decide em que momento do documentário aparecerá determinada imagem, e em alguns casos, quando inserir a trilha sonora. Também é importante destacar que o editor é o responsável pelo movimento do filme. A agilidade na troca de planos, na inserção de elementos, ou a lentidão dos mesmos, levam a quem assiste pelo tempo e espaço da narrativa de um filme.

Para quem assiste, a montagem sustenta a ilusão do avanço contínuo e claro do conto e desse modo há um entendimento imediato e uma imersão profunda na narrativa contada. Murch (2004, p. 17) descreve:

o 'corte' parece realmente funcionar, mesmo apresentando um total e instantâneo deslocamento de um campo de visão para outro (deslocamento este que, às vezes, acarreta um pulo para frente ou para trás não só no espaço, como também no tempo).

É através da montagem que entendemos um documentário seja ele de três ou vinte minutos.

Para acontecer a montagem, usei o programa de edição Adobe Première. Para melhor organização, segui uma norma de abertura e salvamento de arquivos (*new project, browse*, arquivos brutos, copia o nome da pasta para colocar no projeto, importa arquivos para pasta). Para normalizar o som de acordo com as especificações, usa-se o comando "*Audio effects fill left ou fill right*" do programa de edição.

Para alguns teóricos, o momento criativo do cinema não está na escrita do argumento ou na realização das filmagens, mas sim na organização das cenas, ou seja, na montagem. Eisenstein (2002) concluiu que a montagem é responsável pelas características particulares da expressão cinematográfica. Podemos defini-las como organização dos fragmentos de um filme, seja ela de forma sequencial ou de justaposição. Nogueira (2010, p. 139) diz:

Aquilo que designamos por montagem de continuidade permite deslocar o espectador no espaço e no tempo da acção sem que este se sinta confuso ou perdido ao longo da história. Os acontecimentos parecem desenrolar-se de forma lógica e clara.

Já para Medeiros e Medeiros(1995, p.9):

Técnica e tecnologia não são sinônimos, embora mantenham relações de parentesco. A técnica está associada à noção do "fazer", isto é, habilidade

ou arte inata do homem. A tecnologia une esta habilidade natural aos conhecimentos – práticos ou científicos – que foram sendo acumulados ao longo dos anos

Eu pensava que edição e montagem eram processos diferentes, tinha uma concepção de que a edição fosse um processo anterior à montagem, quer dizer, editar seria o modo de separar, organizar as cenas, planos, etc. e como as possíveis formas de sequenciamento poderiam afetar de maneiras distintas o andamento da narrativa. Daí, só depois dessa ideia racional, entraria a montagem, o processo palpável de juntar as partes da maneira como foi concebida durante a edição. É certo que edição e montagem se misturam, no entanto sempre via distinção entre os métodos. Acho que era um modo de ver antiquado e ingênuo que eu tinha da técnica cinematográfica, e diria até obsoleta, em razão de que é justamente a ligação íntima entre todos os processos que é importante para um editor e/ou montador conhecer o método e o estilo de trabalhar dos envolvidos na produção, é o que vai garantir o sucesso do trabalho. Para a realização das minhas atividades diárias, e como sou acometido de Paralisia Cerebral³, inventei técnicas que me ajudam na hora de editar, como, por exemplo, a posição do teclado junto com a mudança dos atalhos dos comandos do programa, fiz também mudanças na configuração do computador, diminuí a taxa e intervalo de repetição das teclas e a configuração do mouse, deixando ele um pouco mais lento que o normal. Utilizo um mouse tipo *Palm Grip*, sem fios que é o mais comum e de acordo com o nome, abrange a palma da mão, deixando os meus dedos totalmente sobre os botões. Com esse tipo de mouse, eu posso repousar quase toda a mão sobre o acessório e percorrer pelo programa de edição confortavelmente. Outra coisa que faço, além de regular a cadeira, é deixar o monitor em uma determinada posição e altura. O primeiro passo foi encontrar um ponto na tela que fique exatamente no centro horizontal. Quanto à posição vertical, divido a tela em três partes usando uma folha de papel A4 e uma régua. Fiz com que o ponto ficasse localizado no topo da faixa dos dois terços. Para o meu uso, o monitor deve estar exatamente reto na posição dos meus olhos. Sempre evitei girar ou inclinar o tronco ou o pescoço ao editar. As

³ A pessoa com Paralisia Cerebral, apresenta perdas de mobilidade motora em consequência a uma lesão cerebral ou reduções em sua estrutura física, mas sua personalidade, seu modo de agir e pensar permanecem os mesmos. A paralisia cerebral costuma ser confundida com deficiência intelectual pela falta de controle sobre o próprio corpo e dificuldade na fala. Trata-se, portanto, de alguém que se encontra numa situação de dependência na maioria das vezes, sendo o uso de material adequado fundamental para o seu relacionamento com o meio.

coisas que eu uso frequentemente ficam posicionadas diretamente a minha frente do lado direito da bancada em um anteparo para os espelhos das entrevistas. As vezes o meu braço fica muito lento, daí tenho que parar o que estou fazendo e descansar, por isso preciso de mais tempo para editar ou escrever (creio que isso incomoda as pessoas que querem tudo rápido). Todo mundo tem seu tempo e isso deve ser respeitado.

O som não foi deixado de lado, não é tratado como um complemento. Para que o som não pareça estourado – 6Db é o limite do nível do som e, de acordo com Santos e Ayres, os recursos sonoros são fundamentais na reconstrução da realidade. O que seria uma entrevista sem palavras, sem som ambiente e até sem música? As imagens são centrais, mas na maioria dos casos, por si só não bastam. Cada um dos recursos sonoros possui uma função específica: o som ambiente possibilita a reconstrução do contexto, do background.

E a maneira como se representa esse mundo histórico está intrinsecamente relacionada com a opção que o documentarista faz para combinar os elementos imagéticos e sonoros que vão compor o filme. Essas possibilidades de trabalhar as informações recolhidas através dos recursos audiovisuais determinam os tipos de documentários, enquanto prática fílmica (SANTOS; AYRES, 2008, p. 10).

Os sons frequentemente seguem os movimentos e normalmente dão continuidade entre os cortes nas cenas; tem um ritmo, traz com ele a sensação das condições do espaço, se associa aos componentes visuais que preenchem um tempo característico e essa associação atribui ao som uma dimensão de tempo que nos empolga, nos faz compreender o mundo do outro. Segundo as palavras de Chion (2011, p. 32), “o som tem uma função precisa, ele nos impulsiona ao longo do filme, nos dando a sensação de estarmos dentro dele, dentro de sua dimensão temporal”. Para mim, som e imagem não disputam, pelo contrário, se complementam como periféricos criativos.

A trilha sonora de “Pessoas.zip, compactados” é usada exatamente neste sentido, acrescentado às imagens, ao ambiente daquele lugar. Para a captação do som, usei os microfones embutidos nas câmeras. Os microfones embutidos nas câmeras e nos Smartphones estão bem longe de proverem uma qualidade sonora profissional às suas produções, porém funcionaram bem na hora das entrevistas e também com as imagens externas. Nestes casos, foi necessário saber configurar as

câmeras de modo a obter a melhor qualidade de som possível. As câmeras e os Smartphones que usamos dispõem de controle de volume da gravação, tanto para o microfone interno quanto para o externo, geralmente um controle apenas para as duas opções.

Nas câmeras Canon EOS Rebel T3i, por exemplo, existe um marcador igual a este:

Foto 1– Marcador



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

O ideal é fixar o volume próximo da marcação de -12dB, esta é uma marca de segurança para que o som não fique nem alto demais, nem baixo demais. Na verdade, o volume abaixo, deixa o som com o ruído interno do equipamento, provocando, por vezes, uma relação sinal/ruído negativa e se caso o som fique acima, pode distorcer. O que antes seria informação sonora se torna ruído.

Mostrei como o som é poderoso, surpreendi ao usar um material composicional baseado em ruídos de computador, da rua e do ônibus, o extraquadro, aquilo que não está sendo exposto pela câmera, no entanto, pode ser imaginado pelo espectador, o que ficou registrado pelo som.

Ao mesmo tempo, a música provoca uma sensação rítmica e dramática para a mudança das discussões, a trilha do documentário é uma constante sonora de barulhos comum a muita gente, que se espalha ao longo dos 18 minutos da história.

As pessoas que assistiram me confienciaram que, ela (a trilha) na maioria dos momentos, causou um incômodo, mais tarde, uma angústia.

Por essa razão, eu posso dizer que a trilha sonora não só contribuiu para a construção da estética do documentário como é um dos seus elementos principais. A linguagem sonora e o enredo formaram um complexo repetitivo de elementos que moldaram o filme.

Os planos ficaram bem acertados e alternados, de forma a dar sentido para a construção da narrativa. Um bom exemplo são as cenas da senhora evangélica que tenta fervorosamente provar sua conversão e a da senhora que tenta embarcar uma cadeirante no ônibus cheio.

Foto 2 - Imagem do documentário



Fonte: Documentário Pessoas.zip, compactados.

Foto 3– Pessoas idosas em pé



Fonte: Documentário Pessoas.zip, compactados.

A forma dinâmica como foram posicionados os planos fez com que estas cenas se tornassem mais dramáticas e envolventes. Conforme Deleuze (1990, p. 87):

A justaposição de imagens pode ser entendida como montagem. A organização dos planos em um filme gera significados diferentes, pois, a sequência é entendida conforme o contexto. Ou seja, articular planos significa contextualiza-los e isso é feito pelo “choque” de imagens.

Neste documentário, as imagens que foram capturadas em diversos ângulos na parte interna do coletivo, se enquadram na narrativa, possibilitando ao espectador uma noção mais aproximada de como as pessoas se comportam no interior de um ônibus.

A proposta da fotografia se baseou em alguns conceitos que tive acesso no decorrer desses anos de estudo na Universidade, além daqueles conhecimentos adquiridos em cursos externos fora do universo acadêmico, com profissionais como o professor Rogério Luiz, Sabiá, Raiza Lelis e Carlos Rizério. Minha intenção foi criar uma atmosfera onde eu conseguisse conectar os conceitos de computação as relações interpessoais que acontecem no interior dos ônibus, mas sem perder uma relação natural, manter uma relação com a sequência de planos separados por imagens de câmeras de segurança, entrevistas, etc.. A organização dos elementos

das imagens foram sempre embasadas numa estética documental e em momentos específicos, obedeci as regras de distribuição de elementos, a regra dos terços. Tive meus entrevistados posicionados em um dos pontos de atenção, colocando-os no canto esquerdo ou direito da imagem.

Foto 4– Posicionamento dos entrevistados



Fonte: Documentário Pessoas.zip, compactados.

Utilizei luzes que já se encontravam no ambiente, luz natural, ajustando sempre e muitas vezes apenas os elementos do local ou o enquadramento, procurando não utilizar uma segunda ou uma terceira fonte de luz.

Para capturar as imagens usei uma câmera Canon EOS Rebel t3i com lente 18, 55 mm, uma camcorder Samsung Q10 e celulares tipo Smartphone de diversas marcas e modelos. Foi preciso buscar meios para me auxiliar nas gravações dessas imagens com Smartphones.

Embora comumente se torne como referência, no campo da produção cinematográfica, a atividade do diretor com maior destaque autoral, sabe-se que o fazer cinematográfico exige atividade laboral coletiva. Sabe-se ainda que, mesmo quando há destaque de um ou outro indivíduo numa ou noutra realização e quando o assunto refere-se aos aprendizados que potencializam a configuração do cinema, seja em âmbito geral ou específico, não é prudente deixar de considerar que certas expressões do indivíduo só são possíveis porque trazem em sua potência referências de continuidade, de ruptura ou de ressignificação daquilo que foi possível a partir das experiências de outras pessoas, ou seja, dos processos de transmissão do conhecimento entre membros da mesma geração ou de gerações distintas (GUSMÃO, 2014, p. 103-104).

Com as minhas limitações físicas, busquei a ajuda da minha filha de 8 anos e também contei com a ajuda da minha esposa, de familiares, amigos e colegas de trabalho. As imagens tenderam a revelar uma nova linguagem oriunda dessa produção, em parte realizada com Smartphones. Essas imagens demonstraram para mim uma forma diferente de filmar, constituída numa relação com o cotidiano, na qual se tinha em mãos um aparelho de tamanho reduzido e de fácil controle, porém com certas limitações. O Smartphone tornou-se multitarefa, é telefone que cabe no bolso da calça e que ao mesmo tempo fotografa, filma, etc. Trazemos o telefone sempre com a gente, originando novos registros de imagens, íntimas e espontâneas, revelando um novo olhar sobre o real, sobre o outro. Aí eu pergunto: Devemos realmente registrar tudo que vemos? Os Smartphones me fizeram, sem dúvida alguma, despertar um olhar incomum para o documentário, favoreceu uma maneira muito peculiar de traçar com imagens e sons uma história, me remetendo à sensibilidade, me fez desatar do habitual para fomentar a criatividade e ampliar os sentidos.

As câmeras que foram usadas geraram arquivos do tipo mp4, H.264, um padrão de codificação de vídeo que é considerado popular, mas que deixa um pouco a desejar quando se pretende ter imagens cinematográficas. Esse tipo de arquivo é importante ser citado uma vez que retrata a qualidade da imagem que vemos.

A compressão de vídeo é uma técnica que faz parte do grupo mais geral de tecnologias de compressão de dados, que se classificam em compressão sem perdas e compressão com perdas. No primeiro caso, após o processo de compressão/descompressão, o sinal reconstituído é idêntico ao original, enquanto no segundo caso há uma degradação desse sinal, denominada distorção.

A compressão sem perdas limita-se a um pequeno nicho de aplicações que não toleram qualquer distorção, como vídeos médicos ou sistemas de arquivamento. Por sua vez, a compressão com perdas é a mais usada e difundida, já que certas distorções podem ser imperceptíveis ao olho humano, ou mesmo toleradas – é este o tipo de compressão que trata o padrão H.264 aqui apresentado (MANOEL,2007, p.9-10).

Também por se encaixarem no argumento, e por não conseguir registrar imagens de igual teor, usei imagens do Portal *Youtube* para destacar o que dizem os entrevistados. A maioria dos vídeos (incluindo a parte de áudio) do Portal *Youtube* possui direitos autorais. As únicas imagens que não tinham direitos autorais, foram as imagens de filmes antigos que não usei nesse documentário, onde o copyright expirou ou as imagens que os detentores dos direitos autorais tenham optado por

marcar como domínio público. Por esse motivo, o documentário “Pessoas.zip, compactados, não deve sair do meio acadêmico.

As imagens que foram feitas por mim sempre contei com a ajuda do tripé pois tenho dificuldades de segurar a câmera devido a Atetose⁴ causada pela Paralisia cerebral.

O simples gesto de selecionar, recortar, organizar e montar imagens extraídas das câmeras e da internet, mostra não apenas o que é relativo a definição original dessas imagens quando sujeitadas à concordância ou discordância dos comentários dos entrevistados, elas assumem o caráter da ação de desmontar e remontar diferentes tempos e espaços.

Cada imagem que surgia, afetava todas as outras, favorecendo o documentário com diversas opiniões, banhos de sentido. Cada um que assistiu teve uma reação, me disse o que sentiu, quis acrescentar algo, e isso foi muito engraçado e empolgante.

⁴ A atetose descreve os movimentos involuntários, principalmente no rosto, membros e tronco. Esses movimentos podem ter a forma de um rastejar lento sem nenhuma coordenação. A atetose é um dos sintomas ligados às patologias neurológicas, localizadas no córtex cerebral. A atetose provoca fadiga, pois os movimentos surgem a todo momento, mesmo durante o sono. Definição de Atetose < <http://saude.ccm.net/faq/2057-atetose-definicao>> Acesso em: 11 de set. 2016.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A soma de conquistas que envolvem os aspectos da vida afetiva, familiar e profissional, objetivando estabelecer os contatos que geram o bem-estar do corpo, mente e do espírito, deve ser entendido como realização pessoal e para isso, necessitamos acordar e usar nossos talentos de modo criativo e inteligente.

O documentário “pessoas.zip compactados” passou por várias fases de produção e o memorial apresenta essas fases, divididas em itens e subitens organizados, facilitando a compreensão e também para demonstrar o funcionamento e a essência de um documentário. Utilizei principalmente a técnica da observação, o documentário apresentou uma história linear, em etapas e elaborações que exigiram muito tempo e dedicação de todos os que se envolveram, foi feito seguindo o processo convencional utilizado em outros documentários sem deixar de lado a experimentação de outros recursos.

Tive muitos desafios, problemas, como é de se esperar num extenso processo de produção de um documentário. Levando em conta as dificuldades e as complexidades para se elaborar um produto audiovisual e analisando os processos, percebermos que nada é feito quando não se tem determinação, sonho, desejo. O resultado final mostra a quem realiza, que a longa caminhada é mais um aprendizado em uma determinada área, nesse caso a área do audiovisual.

Nesse memorial descritivo-analítico propus uma reflexão sobre todo o processo da produção do documentário, desde a pré-produção, até as etapas de finalização, sendo assim, pude avançar nos estudos no campo do cinema, do audiovisual. O tema foi escolhido porque apresenta uma série de conteúdos e informações acerca das relações humanas e suas consequências.

Este documentário me proporcionou uma experiência que me tornou mais apto ao mercado de trabalho em áreas específicas que são a montagem e direção, além de obter outras experiências. Me fez desenvolver atividades e oportunidades que foram da área teórica à área prática, objetivando um grande aprendizado e estabelecendo um contato maior com profissionais competentes da área do audiovisual. Aprimorou e expandiu as muitas formas de se trabalhar na área do audiovisual. Primeiro, a ideia se impôs, com ela surgiram as discussões, os ajustes até a realização do documentário. Depois de definido o que eu queria dizer com a ideia escolhida, surgiu da mais simples essência para algo mais completo, o

segundo passo foi construir uma narrativa de modo que fosse entendida sem maior esforço. Qualquer ação do cotidiano pode ser inserida em um filme, basta que exista o conflito, constitua algo capaz de se sustentar por um período de tempo determinado.

Novamente como em outros temas, resumir um assunto tão complexo como este a no máximo 20 minutos não é simples. Nem tudo na vida é preto ou branco, certo e errado. É preciso sensibilidade, criatividade, teimosia, determinação e bom senso. O que eu recomendo é planejar o máximo possível, mas também, experimentar, errar, ousar e se possível, retornar aos primeiros passos que você deu, pois, é a partir daí, do princípio, que criaremos novas técnicas, teremos novas ideias e não tomando como base irrefutável o já produzido em vídeos de televisão, internet e cinema pois se fizermos isso, estaremos fadados ao fracasso, ao esquecimento. Não quero com isso dizer que teríamos que inventar a roda novamente.

Tentei conduzir o olhar do espectador para o alvo principal que era as relações interpessoais que acontecem dentro do ônibus, já que ela constitui o foco central documentário. Em toda essa situação o objetivo foi expor com maior clareza possível, a ideia principal do filme, lhe conferindo maior visibilidade, estabelecendo melhor a sonoridade.

O sucesso pessoal e profissional apresenta argumentos e histórias muito semelhantes, onde os personagens principais de qualquer modo apontam competências especiais e balizam talentos para a realização de um objetivo ou de um sonho.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS (ANTP). Disponível em <<http://antp.org.br>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ABREU, J.; MARQUES, V.; MARCATO, B.; MATHEUS, A. Perfil da juventude de Resende: dados preliminares. In: CONGRESSO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2006, São Paulo. **Pôster...** São Paulo, setembro de 2006.

AMANA-KEY. **Desenvolvimento e Educação, Negociação Interpessoal**: como os fatores interpessoais afetam o resultado dos processos de negociação humana, 2008.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES URBANOS (NTU). Desoneração dos Custos das Tarifas do Transporte Público Urbano e de Característica Urbana. Abril de 2009. Disponível em: <<http://www.ntu.org.br>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Loratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BORGES, R. C. N. **Definição de transporte coletivo urbano**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2006.

CAIAFA, J. Espaço, Comunicação e Consumo no Metrô do Rio de Janeiro. **Revista Contratempo**, Niterói, n. 20, ago. 2009.

CAIAFA, J. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARDOSO, R. C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. C. L. **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1986, p. 95-105.

CARVALHO, M. C. N. **Relacionamento Interpessoal**: como preservar o sujeito coletivo. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

CHION, M. A. **Audiovisão**: som e imagem no cinema. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2011. 175 p.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, Cortez, 1991.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980, p. 87-121.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Pesquisa CNI – IBOPE:** retratos da sociedade brasileira: locomoção urbana (agosto 2011). Brasília: CNI, 2011.

DARIN, S. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial. 2004.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

DEMO, P. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1991.

EISENSTEIN, S. **A forma do filme**. Apresentação, notas e revisão técnica, José Carlos Avelar. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

Kawin, B. **How Movies Work**. Berkeley: University of California Press, 1992

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LUCKESI, C. C. **Fazer universidade:** uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1985.

MANOEL, E. T. M. **Codificação de Vídeo H.264:** Estudo de Codificação Mista de Macroblocos. Março/2007. 117 f. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90522/241091.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 set. 2016.

MARTIN, M. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEDEIROS, J. A.; MEDEIROS, L. A. **O Que É Tecnologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Fase de trabalho de campo**. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992. p. 105-196.

MARQUES, J. R. **O Que É Relacionamento Interpessoal**. Publicado em 21 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/rh-gestao-pessoas/treinamento-relacionamento-interpessoal/>>. Acesso em: 5 out. 2016.

MURCH, W. **Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre.** Tradução Juliana Lins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

NICHOLS, B. **Introdução ao Documentário.** Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.

NOGUEIRA, L. **Gêneros Cinematográficos.** Manuais de Cinema II. Livros LabCom, 2010.

O QUE É documentário. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

O QUE É transporte público. Disponível em: <http://www.guiadedireitos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1248 > Acesso em 16 de mar. 2016.

PENAFRIA, M. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo.** 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

RABIGER, M. **Direção de documentário.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RIBEIRO, V. R. D. et al. **Manual de Normalização para Relatórios de Estágio Supervisionado e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) para o Curso de Ciências Contábeis.** Vitória da Conquista: [s.n.], 2013.

SANTOS, L. K. S. **Diretrizes de arquitetura e design para adaptação da habitação de interesse social ao cadeirante.** 2004. 228f. Dissertação (Mestrado em Construção Civil) – Pós-graduação em Construção Civil, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SANTOS, M. K.; AYRES, M. B. A vida através da tela: a realidade através do telejornal e do documentário. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL TELEVISÃO E REALIDADE, 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Melina%20Ayres_Macelle.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2016.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979b. 345p.

SCHUTZ, A. **Sobre Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SECRETARIA NACIONAL DE TRANSPORTE E DA MOBILIDADE URBANA (SeMob). **PlanMob: construindo a cidade sustentável.** 1 Caderno de Referência para Elaboração de Plano de Mobilidade Urbana. Brasília: Ministério das Cidades, 2007. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/images/stories/ArquivosSEMOB/Biblioteca/LivroPlanoMobilidade.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

SOUZA, G. **Aproximações e divergências entre jornalismo e documentário.** 2009. Disponível em: <<http://ftp-acd.puccampinas.edu.br/pub/professores/>>

clc/zanotti/ANTERIORES/IJA_2011/Documentario%20e%20jornalismo.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO. [20--]. Disponível em: <http://www.guiadedireitos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1248>. Acesso em: 23 ago. 2016.

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. **Por que compactar arquivos?** Disponível em: <<http://www2.anhembi.br/html/ead01/informatica/lu04/lo1/index.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

VENANCIO, B. P. **Pequenos espetáculos da memória:** registro cênico - dramaturgicamente de uma trupe de mulheres idosas. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ZALUAR, A. "O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e efetiva". A máquina e a revolta. São Paulo, Brasiliense, 1985.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO

“PESSOAS.ZIP, COMPACTADOS”

FADE IN:

CENA 1 – INT/DIA/ INICIALIZAÇÃO SISTEMA OPERACIONAL

A sequência será inicializada com o som de conexão “dial-up” e com as cenas da inicialização do sistema operacional seguido de um rolo compressor dando a ideia de compactação.

<p>ROTEIRO</p> <p>Título: Pessoas.zip, compactados</p> <p>Direção: Ricardo Evandro Souza Ribeiro</p> <p>Duração: 20´00</p>	
FADE IN	FADE PARA
<p>INTRDUCAO: SOM DE CONEXÃO INTERNET DISCADA (DIAL UP)E A MÚSICA “EXPERIMENTAL ANSIEDAD”</p>	<p>A sequência será inicializada com o som de conexão “dial-up” e com as cenas da inicialização do sistema operacional seguido de um rolo compressor dando a ideia de compactação. TRANSIÇÃO PARA</p>
<p>PROFESSOR DE COMPUTAÇÃO ROQUE MENDES PRADO TRINDADE</p>	<p>Explicação, conceito sobre o que é arquivo compactado CORTA PARA</p>
<p>NARRAÇÃO SOB A ANIMAÇÃO DE PESSOAS ENTRANDO NO ÔNIBUS E IMAGENS DE PESSOAS ENTRANDO NO ONIBUS E DE PESSOAS</p>	<p>CORTA PARA</p>

INTERIOR DO ONIBUS	
NARRAÇÃO PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO SOB IMAGENS DE PESSOAS INTERIOR DO ONIBUS E DE PESSOAS NO TERMINAL ONIBUS	Música de Julien Boulier -Immersion arriving, Explicação, conceito sobre o que é uma mini sociedade CORTA PARA
NARRAÇÃO PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO SOB DE PESSOAS NO TERMINAL ONIBUS	Música de Julien Boulier -Immersion arriving, Fala sobre o instrumento chamado ônibus... movimento chamado transporte coletivo...
NARRAÇÃO PROFESSOR DE CIENCIAS SOCIAIS NIVALDO VIEIRA SANTANA SOB IMAGENS DE PESSOAS NO TEMINAL DE ONIBUS E DE PESSOAS NO INTERIOR DO ONIBUS	Música de Julien Boulier -Immersion arriving, Processo de desumanização FADE OUT PARA
TÍTULO: PESSOAS.ZIP	FADE OUT PARA
COMPACTADOS	FADE OUT PARA
IMAGEM MATRIX LETRAS CAINDO	FADE OUT PARA
PESSOA TECLANDO, SOM DO TECLADO	CORTA PARA
NARRAÇÃO PROFESSOR ECONOMIA MARCO ANTONIO LONGUINHOS SOB IMAGENS DE PESSOAS ENTRANDO NO ONIBUS E DE PESSOAS INTERIOR DO ONIBUS	Explanação de como o ônibus afeta a saúde física e mental das pessoas CORTA PARA
NARRAÇÃO PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO SOB IMAGENS DE PESSOAS INTERIOR DO ONIBUS E DE PESSOAS NO TERMINAL ONIBUS	Nem todo mundo considera o transporte público como uma das necessidades... CORTA PARA
IMAGEM TELEVISÃO FORA DO AR E	todo mundo tá, com certeza, todo mundo

IMAGEM DESFOCADA DO USUÁRIO DE ONIBUS	tá estressado que tem que trabalhar... cada dia que passa, prefiro mais meus cachorros. corta para
NARRAÇÃO PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO SOB IMAGEM DO USÁRIO DE ÔNIBUS	é as expectativas é que elas. Corta para
PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO. CRÉDITOS COM SEU NOME	se preparem para uma batalha em alguns horários do dia... corta para
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	então quem tá certo? sera que existe certos e errados? culpados ou inocentes? não... corta para
PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO.	entao quando eu disse que é possivel um, uma relação de solidariedade no ambiente de um transporte público... e mantém um tipo de relação como esse ou não. corta para
IMAGENS DE PESSOAS NO TERMINAL DE ÔNIBUS E IMAGENS DE PESSOAS ENTRANDO NO ONIBUS.	Música de Julien Boulier -Immersion arriving, ruído dos onibus, voz de ambulantes, ruídos do terminal voz professor de filosofia josé carlos simplício sob imagens. corta para
PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO.	também depende das relações cidades que a gente constroi ou não... esse tipo de relação. corta para
PROFESSOR DE ECONOMIA MARCO ANTONIO LONGUINHOS	ate se pensar na calticidade do tipo de transporte urbano que nos temos... que possam fazer as pessoas transitarem menos pra viver pra atender as suas necessidades. corta para
NARRAÇÃO DO ESTUDANTE JULIANO SILVA MAGALHÃES OLIVEIRA SOB IMAGENS CAMERAS INTERNAS DO	você chegar em um ônibus cheio é quase a mesma sensação se chegar em um hospital cheio, sem poder ser

ÔNIBUS	atendido. corta para
ESTUDANTE JULIANO SILVA MAGALHÃES OLIVEIRA. CRÉDITOS COM SEU NOME	Porque é um serviço básico, voce não consegue viver sem o transporte... volta no ônibus cheio. acho que isso é complicado
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	O onibus acabou sendo né? ali esses conflitos essas vivencias gerando novos comportamentos, gerando novas atitudes sociais. corta para
PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO.	como eu disse né? que no ônibus é na verdade é uma micro sociedade em que dificilmente... tanto no ponto de vista positivo quanto no negativo. corta para
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	Essa viagem que era antes tão negativa isso pode ser reconstruído a memória de outra maneira a partir das minhas experiências, das minhas vivências. Tipo o barulho do fundo do ônibus pode me trazer lugares de afeto... mesmo isso pode melhorar o meu dia. Corta para
IMAGEM DAS PESSOAS DENTRO DO ONIBUS CANTANDO	Cantam a música "Escolhi Esperar" corta para
NARRAÇÃO PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA SOB IMAGEM DAS PESSOAS NO INTERIOR DO ONIBUS CANTANDO	Eu posso entrar no ônibus de uma maneira e no final do percurso, no final dessa uma hora mesmo que ninguém converse comigo, eu posso chegar em outra condição. Corta para
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	Meu dia pode ser muito melhor. Encontrei pessoas, encontrei sorrisos... muitas coisas podem acontecer no meio do caminho. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO	Uma carniça igual a você não, você não tem prazer de ouvir a palavra, cheio de

ONIBUS	capeta. Vai buscar a Deus rapaz pra Jesus te expulsar esses demônios de sua vida. Corta para
IMAGEM VIDEO BRIGA EM ÔNIBUS 1	Som de solo de bateria. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	Demoniado, capeta, filho do diabo. Vai buscar a Deus pra Jesus te libertar, demônio. Corta para
IMAGEM VIDEO BRIGA EM ÔNIBUS 1	Som de solo de bateria. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	Por que é quele sabe? Qué ele que é que é macumbeiro, ocê que é macumbeiro. Que as imagens... macumbeiro é ocê
IMAGEM VIDEO BRIGA EM ÔNIBUS 2	Som de solo de bateria. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	Pois é. Cê tá com o diabo vai pro inferno. Vai lá na boca de fumo caçar uma briga com o malandro lá... uma misera igual a ocê. Corta para
IMAGEM VIDEO BRIGA EM ÔNIBUS 1	Som de solo de bateria. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	Joga, joga, joga, joga pra ocê ver. Corta para
IMAGEM VIDEO BRIGA EM ÔNIBUS 3	Som de solo de bateria. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	Excomungado é ocê ô demoniado. Demoniado, cachaceiro. Cê tá bebendo cachaça dentro do ônibus? O cachaceiro? Cê tá bebendo cachaça dentro do ônibus? Ô demônio. Corta para
IMAGEM VIDEO BRIGA EM ÔNIBUS 1	Som de solo de bateria. Corta para
IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	Pra levar ela pra igreja pra poder expulsar o capeta. Corta para

ONIBUS	
NARRAÇÃO PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA SOB IMAGEM VÍDEO SAI CAPETA !! TESTEMUNHA DE JEOVÁ BRIGA NO ONIBUS	As pessoas naquele lugar precisam tomar é. Corta para
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	Posições, eles precisam assumir lados né? Então, até nisso né? Assim, o suposto bonzinho... é o lugar também das revelações. Corta para
IMAGENS DE PESSOAS NO TERMINAL DE ÔNIBUS E IMAGENS DE PESSOAS ENTRANDO NO ONIBUS.	Música de Julien Boulier -Immersion arriving, ruído dos onibus, voz de ambulantes, ruídos do terminal voz professor de filosofia José Carlos Simplicio sob imagens. Corta para
PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO.	Houve um tempo que você pegava um ônibus coletivo e as pessoas se encontravam... as cidades grandes não oferecem mais uma identidade local pra as pessoas. Corta para
PROFESSOR DE ECONOMIA MARCO ANTONIO LONGUINHOS	No momento em as pessoas vivem mais onde moram, elas vão querer transformar mais rapidamente a área que moram... isso tem um impacto difuso na vida da pessoa
IMAGEM TELA DE COMPUTADOR VERDE	Som de conexão dial up e de digitação em teclado de computador. Corta para
IMAGEM TELEVISÃO FORA DO AR E IMAGEM DESFOCADA DAS CÂMERAS DO SISTEMA DE MONITORAMENTO DO INTERIOR DO ÔNIBUS, DE MOTORISTAS E USUÁRIOS DE ONIBUS	Som de conexão dial up e de digitação em teclado de computador. Corta para

PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	Então assim: o ônibus também é essa possibilidade, essa possibilidade do incomodo e o incomodo também é bom. Por que eu mobilizo o outro. Corta para
VÍDEO MULHER CADEIRANTE CUSTA CONSEGUIR ENTRAR EM ÔNIBUS DO TRANSPORTE COLETIVO	É obrigação do cadeirante, o povo tem que ter consciência, o povo tem que ter consciência. Não pode, não vai sair. O motorista não vai sair. Corta para
NARRAÇÃO PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA SOB VÍDEO MULHER CADEIRANTE CUSTA CONSEGUIR ENTRAR EM ÔNIBUS DO TRANSPORTE COLETIVO	Como eu sou afetado, depende muito da minha própria historia né? Então assim... eu já estou atrasado para ir ao trabalho. Corta para
VÍDEO MULHER CADEIRANTE CUSTA CONSEGUIR ENTRAR EM ÔNIBUS DO TRANSPORTE COLETIVO	Desce! Desce! Vocês tem perna boa! Desce!
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	Chega no terminal com um cadeirante que quando ônibus tá atrasado... então assim, há uma mobilização. Corta para
VÍDEO MULHER CADEIRANTE CUSTA CONSEGUIR ENTRAR EM ÔNIBUS DO TRANSPORTE COLETIVO	Não vai. Cês tão pensando que é melhor que todo mundo... tem o lugar do cadeirante, é obrigação, tem o lugar do cadeirante, é obrigação do cadeirante ir. Corta para
PSICÓLOGA MARIA VITORIA ANDRADE VIEIRA	O cadeirante também não deve se deixar afetar... meus pensamentos podem alterar a partir daquela vivência. Corta para
PROFESSOR DE FILOSOFIA JOSÉ CARLOS SIMPLÍCIO.	Nossa identidade não é formada por aquela linha... se repetem um pouco do egoísmo da sociedade. Fade out
IMAGEM DO ONIBUS PARTINDO, INDO EM BORA EM PRETO E	Música do grupo Experimental –

BRANCO	Ansiedad. Fade out
NOME DO DOCUMENTÁRIO	Pessoas.zip, compactados. Corta para
CRÉDITOS A QUEM DIRIGIU	Ricardo Evandro Souza Ribeiro. Corta para
PROFESSOR DE COMPUTAÇÃO ROQUE MENDES PRADO TRINDADE	Explicação sobre arquivo compactado sem perda e créditos para quem fez as imagens. Corta para
CRÉDITOS A QUEM MONTOU	Ricardo Evandro Souza Ribeiro. Corta para
IMAGEM, VIDEO DO ATOR JENI SANTOS E CRÉDITOS A QUEM FEZ O SOM DO DOCUMENTÁRIO	Dando exemplo de falta de educação no ônibus. Corta para
CRÉDITOS AS MÚSICAS	De Julien Boulier - Immersion Arriving, Experimental – Ansiedad, SlipKnot - Joey Jordison. Corta para
PROFESSOR DE COMPUTAÇÃO ROQUE MENDES PRADO TRINDADE E CRÉDITOS PARA QUEM REALIZOU A ANIMAÇÃO	Explicação sobre arquivo compactado sem perda e créditos para quem realizou a animação, Ricardo Evandro Souza Ribeiro e Rosalve Lucas Marcelino. Corta para
AGRADECIMENTOS	Aos meus professores Aos meus colegas de curso A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia A Vanêide minha esposa A Laura minha filha Aos meus pais Aos meus irmãos As minhas tias e familiares

	<p>As empresas de ônibus Cidade Verde, extinta Serrana e a Viação Vitória</p> <p>Aos meus colegas de trabalho</p> <p>A meu pastor Marcelo</p> <p>E principalmente a DEUS</p>
<p>IMAGEM, VIDEO DO ATOR JENI SANTOS E CRÉDITOS AO PRÓPRIO ATOR</p>	<p>Ele agradece e as pessoas no interior e ele batem palmas. Fade out</p>
<p>FIM</p>	

ANEXO B – SOLICITAÇÃO DE IMAGENS



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.996, de 02.05.2006
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – DFCH
Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual – CCCA



Ofício n.º 005/2016

Vitória da Conquista, 17 de Agosto de 2016.

Ao SEMOB – Vitória da Conquista

Ao Secretário.

A/C Sr. Luís Alberto Sellmann

Assunto: Autorização de uso de imagens das câmeras de segurança.

Prezado Secretário,

Ricardo Evandro Souza Ribeiro é formando do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O discente está fazendo, como Trabalho de Conclusão de Curso, um documentário sobre o transporte público urbano de Vitória da Conquista. Para tanto, pretende utilizar imagens das câmeras de segurança dos ônibus, comprometendo-se a fazer de modo que nenhum passageiro seja identificado. Sendo assim, pedimos sua autorização para que o aluno tenha acesso ao material audiovisual desejado.

Cordialmente,

Glauber Brito Matos Lacerda

Coordenador do Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual

Waldo Neto
37/08/16

ANEXO C – RESPOSTA DA SOLICITAÇÃO DE IMAGENS**PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana
www.pmvc.ba.gov.br

Ofício Nº. 385/2016 SEMOB

Vitória da Conquista, 01 de Setembro de 2016.

A Sua Senhoria o Senhor
Glauber Brito Matos Lacerda
Coordenador do Colegiado do Curso de Cinema e Audiovisual – CCCA
UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista-Ba

Senhor Coordenador,

Em atenção ao Ofício nº. 005/2016 informamos a Vossa Senhoria que as câmeras dos ônibus de transporte coletivo municipal foram instaladas em cumprimento de norma do Edital de Concorrência Pública de que participaram as empresas vencedoras do certame licitatório e concessionárias do serviço e, tem por finalidade, o aumento da segurança e a intimidação a possíveis ações criminosas no interior dos veículos.

A par disso o direito à inviolabilidade da imagem está protegido pela Constituição Federal, conforme o artigo 5º, inciso X: "são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; e XXVII "são assegurados, nos termos da lei a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas".

O Código Civil também dispõe sobre o tema, em seu artigo 20: "salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais".

Rua Carlécio Santos Sande, N.º 109B - Cruzeiro
Fone: (77) 3429-7352 / 7381
CEP 45003-900 - Vitória da Conquista - Bahia
mobilidadeurbana@pmvc.ba.gov.br
www.pmvc.ba.gov.br



PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana
www.pmvc.ba.gov.br

Assim ainda que a motivação do pedido de autorização para acesso ao material audiovisual seja idônea (fins acadêmicos) o direito à intimidade e o direito à imagem são direitos tutelados pela Constituição Federal e a divulgação de imagens ou cessão dessas a terceiros sem autorização judicial ou policial, no curso de investigação criminal, pode ser tida como ofensa a este direito e acabar por gerar a Responsabilidade Civil.

Neste sentir, não será possível autorizar o acesso e uso de imagens das câmeras de segurança.

Colocando-nos à disposição de Vossa Senhoria, despedimo-nos.

Cordialmente,


Luis Alberto Sellmann Moreira
Secretário de Mobilidade Urbana